

Um passatempo comum mas pernicioso

Você gosta de cultivar ressentimentos?

Por I. A. R. Wylie

*Autora de «Keeper of the Flame», «Storm in April»,
«Where No Birds Sing», «My Life with George», etc.*

SENTADA NO degrau da porta que dava para o quintal de sua casa, em Londres, uma garotinha de ar zangado tinha o olhar perdido no espaço. Completava quatro anos de idade naquele dia, mas infelizmente o papai e a mamãe—preocupados com o crônico problema de arranjar dinheiro para o aluguel—só se haviam lembrado da data quando a tarde já ia adiantada. Tôdas as propostas de reparação foram friamente rejeitadas. E lá se foi a menina para a cama, ruminando a sua mágoa. Nem por todos os presentes do mundo ela teria admitido que se estivera divertindo imensamente. Essa menina fôra a heroína de uma tragédia comovedora, e com isso aplicara nos pais um golpe emocional que lhe abriu crédito para inúmeras traquinadas futuras.

Ainda trago a sua figura bem viva na lembrança. Sinto-lhe os sofrimentos, como vibrações distantes, mas

ainda claras. Essa menina—lamento confessá-lo— fui eu mesma. Pois a verdade é que ainda sinto prazer em ser injustiçada. Ainda consigo persuadir a mim mesma, em certos momentos de irresistível tentação, de que fui humilhada, incompreendida ou desconsiderada. A única diferença está em que, de certo modo, aprendi a compreender-me. E compreendo, também, os meus amigos quando se mostram ressentidos comigo, sem razão aparente.

É preciso ter ânimo decidido para chegar a indagar: «Por que não me convidou para a sua festa? Sou a sua melhor amiga. Estou muito sentida.» (A resposta poderia ser tão convincente que dissiparia qualquer ponta de ressentimento.)

Quase todos nós costumamos ostentar uma superioridade e uma frieza, que tendem a intensificar-se ante a lamentável recusa do ofensor em reconhecer o mal que nos causou.

Mais cedo ou mais tarde, entretanto, esquecemos o motivo do ressentimento ou admitimos para nós mesmos que estávamos apenas sendo emotivos.

Os cultivadores de ressentimentos podem ser gente de qualquer idade, mas tenho a impressão de que todos se iniciam na carreira quando ainda muito jovens. O impulso inicial talvez provenha de um pendor temperamental para a dramatização.

Lembro-me de uma mocinha dos meus tempos de escola que parecia odiar tôdas as colegas da classe. Rejeitava as nossas propostas de amizade, que talvez não fôsem muito calorosas, e fugia de casa a intervalos regulares. Éramos sempre responsabilizadas pelo que acontecia. Éramos desumanas com ela, nunca a convidávamos para tomar parte nas nossas brincadeiras e, às vêzes, chegávamos até a atormentá-la.

A vítima dessas injustiças era filha única, idolatrada pelos pais. Êstes, com o seu excesso de mimo, haviam feito dela uma menina incapaz de ajustar-se ao rebuliço da vida escolar, e contribuído para que se desenvolvesse nela o pernicioso desejo de ser adulada. Ela queria ser a aluna mais popular da classe, mas nada fazia para transformar êsse anseio em realidade. Na verdade, queria só para si todos os privilégios, e como isso lhe fôsse negado, buscava compensação na animosidade contra tôdas nós.

Não sei o que foi feito dela, mas é possível que seja hoje uma criatura semelhante à mulher que tive por

vizinha durante algum tempo. Um muro baixo separava os nossos quintais, que procurávamos converter em jardins, apesar da pobreza do solo e do ar carregado de fuligem. De vez em quando trocávamos cumprimentos e sugestões, mas dentro em pouco percebi que todo comentário meu provocava-lhe observações amargas e resmungos. Ora se queixava do excesso de sol, ora da minha árvore que estaria sombreando demais o seu quintal; às vêzes dizia que as mudas que lhe tinham vendido eram de má qualidade, outras vêzes eram os filhos que lhe pisavam os canteiros.

Perdendo a paciência, resolvi dizer-lhe um dia:

—Se a senhora algum dia reconhecer que alguma coisa lhe correu bem, eu cairei morta.

Nunca mais ela falou comigo. O meu crime era imperdoável, pois eu tentara privá-la da sua única fonte de satisfação—o ressentimento contra a própria vida.

Há casos em que um cultivador de ressentimentos abre os olhos para a realidade ainda em tempo de evitar um mal irreparável. Conheci uma mulher que, tendo enviuvado cedo, empreendeu, de maneira admirável, a tarefa de criar o seu filho único. Fêz sacrifícios e trabalhou como uma escrava a fim de dar ao filho uma boa educação. Até à formatura do rapaz, ela era a sua melhor amiga e êle a adorava. Mas o rapaz se fêz homem, começou a viver a sua vida e não tardou a apaixonar-se.

Incapaz de aceitar essa mudança

natural, a mãe passou a queixar-se de solidão e abandono. Criticava a namorada do filho, e tudo o que êle fazia para apaziguá-la só servia para reavivar as chamas dos seus imaginários motivos de queixa. Colocado entre o amor filial e a gratidão, de um lado, e as suas legítimas necessidades e aspirações, de outro, o rapaz começou a detestar os desagradáveis encontros com a mãe. Teve rugas com a namorada, sua eficiência no trabalho diminuiu. No último minuto, entretanto, uma amiga conseguiu chamar a mulher à realidade. Ela foi bastante inteligente para reconhecer que estava sendo absurda e cortar corajosamente aquêlo elo emocional que vinha estrangulando mãe e filho. O rapaz pôde, então, planejar a sua nova vida, livre e desimpedido. E a mãe também se sente recompensada: hoje é uma avó que não depende de ninguém, vive benquista e feliz.

Mesmo que não cultivem habitualmente o ressentimento, certas pessoas jamais conseguem libertar-se de determinados melindres que bem mereciam ser retirados do nicho em que se engravam. Quanto a mim, êsses melindres favoritos estão relacionados com a minha profissão. Ao ser lançada uma novela de minha autoria, quase sempre chego à conclusão de que fui mais uma vez prejudicada pelo editor, pois êste poderia ter feito melhor publicidade em torno da obra. No tocante aos críticos, nem chegam a ler o livro, pois do contrário haveria de merecer-lhes melhores referências. Se não fôsse a

má orientação dos livreiros ou a estupidéz do público, o meu livro seria um *best-seller*. Só através de um grande esforço é que consigo penetrar-me de que a grande obra que me custou tanto tempo e tanta massa cinzenta não é, afinal de contas, tão grande quanto eu pensava. Depois que chego a essa conclusão, o meu ressentimento começa a desvanecer-se. Em vez de remoer a minha mágoa, resolvo consagrar-me à tarefa de escrever um livro melhor.

Todos nós conhecemos alguém que está convencido de que o patrão o persegue, ou que se queixa de não darem ao seu trabalho o justo e merecido valor. Essas pessoas são incapazes de reconhecer que estão recebendo de acôrdo com a sua capacidade e energia. Caso atribuíssem ao trabalho a mesma importância que dispensam às desconsiderações e injustiças de que se dizem vítimas, tudo leva a crer que não teriam muito com que se preocupar. Se julgamos que não somos apreciados, nada melhor do que fazermos a nós mesmos a seguinte pergunta: «Por quê?»

Certas pessoas alimentam um ressentimento crônico contra o que chamam de «sorte». Tenho para mim que quem se queixa de «falta de sorte» tem algum defeito congênito, que de um modo ou de outro contribui para aumentar-lhe o infortúnio. Aprendi a reconhecer que os meus insucessos estão intimamente relacionados com certas falhas na minha capacidade e no meu caráter. Basta isto para sustar o desenvolvimento

de qualquer ressentimento incipiente.

Os que parecem ter legítimas razões de queixa contra o destino—os cegos, os aleijados, os deserdados—são os que, na realidade, raramente se queixam. Empurrados, por assim dizer, contra a parede, muitas vezes resolvem enfrentar a vida e fazer da luta contra as deficiências que os afligem uma afirmação do seu verdadeiro valor. Nunca descarregam a amargura e o ressentimento em cima dos seus inocentes amigos e vizinhos.

Há cura para a febre do ressentimento. Trata-se de um remédio muito simples, mas, como em geral acontece com as coisas aparentemente simples (veja-se, por exemplo, o caso do mandamento que nos concita a amar o próximo como a nós mesmos), é difícil de administrar. Ao sentirmos a temperatura em ascensão, devemos agir sem demora. Agarremos-nos a nós mesmos pela gola e, colocando-nos no banco das testemunhas, submetamo-nos a um impiedoso interrogatório.

«Que pôs você na panela para esperar que os melhores bocados lhe devam ser servidos? Que fez em favor de seus amigos e colegas para me-

recer dêles uma consideração fora do comum? Será você tão eficiente e bom quanto imagina? Que qualidades o singularizam entre os homens, para que pretenda ser o único a gozar de imunidades contra a dor, a indiferença e a injustiça?»

Devemos esforçar-nos por dissecar friamente os nossos ressentimentos, atacando-os pela base. Ninguém é normalmente desumano ou injusto. A indiferença ou o desprêzo aparentes são quase sempre oriundos da inadvertência, da preocupação ou da simples falta de traquejo social. Uma vez identificado o ressentimento, é expulsá-lo do nicho em que se instalou; de modo algum devemos permitir que desça intato ao nosso subconsciente, e ali prolifere como bactérias venenosas na corrente sanguínea do nosso sistema emocional.

Mesmo que tenhamos justos motivos de queixa, não devemos colocar a nossa animosidade numa redoma, como se fôsse um objeto cuja contemplação nos deleitasse. Posso garantir por experiência própria que, atirando fora os ressentimentos, caminharemos pela estrada da vida com o coração mais leve e passos mais firmes.

UM ESTUDANTE da Universidade de Wisconsin e a respectiva namorada caíram n'água quando passeavam de bote no lago Mendota. O rapaz agarrou a sua bela companheira e nadou com ela até à margem. Depois voltou nadando até ao bote, desvirou-o e conseguiu trazê-lo para a praia. Ali chegado, nadou mais uma vez e foi buscar o remo. Mas ao se aproximar do remo, sentiu que perdia as fôrças, os pés afundaram... e tocaram o fundo do lago. A água chegava ao peito do herói.